

Conclusão

O presente trabalho buscou compreender a produção social do espaço do Alto Jardim Botânico a partir das estratégias NIMBY praticadas por seus moradores.

Em um bairro que tem como primeiro nome *Jardim* e que possui marcante presença de diferentes elementos da natureza na sua paisagem, entendemos necessário investigar os significados e as diferentes formas assumidas pelos jardins, tomando algumas referências no tempo e no espaço. Constatamos que, de uma forma ou de outra, todas elas sinalizam que o *Jardim* está ligado a algo bom ou a um sentimento positivo.

Das várias perspectivas presentes nos estudos sobre os jardins que encontramos ao longo da pesquisa, a ideia de uma refúgio desejado, simetricamente localizado entre os perigos da natureza e da sociedade, foi a que melhor expressou a realidade do recorte espacial adotado neste trabalho. Assim, concluímos que o *Jardim* prevê segurança, contemplação da paisagem, qualidade de vida e felicidade.

Foram esses atributos que tornaram o termo *Jardim* muito presente no léxico urbano, especialmente relacionado ao mercado de imóveis que, por meio do marketing verde e da prática de um discurso de apelo ecológico no urbano, o coloca na condição de “isca” para o cidadão que pretende investir em um imóvel. Simula-se a natureza em imagens e termos de forma que, segundo Santos (2000, p.10), “pagamos para sermos enganados. Paga-se o processo de engano que acompanha e que precede a produção das coisas, das relações e das imagens”. Tal estratégia gerou desdobramentos e chegou até os subúrbios precariamente assistidos das metrópoles brasileiras, para dar nome a loteamentos e bairros nos quais seus moradores viviam uma realidade bem diferente daquela associada a dimensão subjetiva do termo jardim, destacada no parágrafo anterior.

No caso do bairro do Jardim Botânico, verificamos que a origem do nome está ligada à iniciativa de D. João VI, instalado no Brasil com a família real, após a invasão das tropas Napoleônicas à Lisboa, que criou o Jardim da Aclimação

em 1808, posteriormente transformado em Real Horto e, enfim, Real Jardim Botânico. Assim, na sua origem, o bairro possuía marcas do poder Real e de uma natureza domesticada capaz de oferecer sensações agradáveis aos visitantes.

Aproximadamente 120 anos depois, inicia-se em outras bases de produção e reprodução da vida material, uma nova trajetória, que será confirmada e ampliada, nos anos 1930 e 1950 com fechamento das duas grandes fábricas do setor têxtil e a consequente divisão dos seus respectivos terrenos em condomínios, como foi o caso do, Jardim Corcovado e o Condomínio Parque Jardim Botânico. A ressignificação do bairro se realizou a partir da superação das suas características fabris e pela implantação de um novo perfil residencial, comercial e de serviços. Neste processo, a atuação dos promotores do setor imobiliário, ao longo da segunda metade do século XX e, principalmente, na primeira década do século XXI, além do fortalecimento da economia de serviços características das metrópoles contemporâneas, vieram a consolidar um perfil *glamourizado* para bairro, agora com um setor terciário mais diversificado e mais caro.

Novas lojas surgiram. Em 1994 quando mudei para cá, não havia nada de restaurantes chiques. As casas vão dando lugar a prédios baixos mas com muitos apartamentos por andar.

Sr. G. Morador do Jardim Botânico desde 1994.

Ao mesmo tempo a Sra D. contrapõe com uma outra leitura destas mudanças

As mudanças aqui ajudaram, fazemos tudo a pé. O bairro é acolhedor e charmoso. Há um sentimento de bairro e o comércio não é grande.

Sra D. Moradora do Jardim Botânico desde 1994.



Figura 23: Vendedor de frutas (II). Esquina da rua Jardim Botânico com rua Maria Angélica: contraste com o novo comércio *glamourizado*.
Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Figura 24: Vendedor de frutas (III): Esquina da rua Jardim Botânico com rua Visconde da Graça: comodidade para quem não quer andar muito até os mercados.
Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Figura 25: Rede de supermercado “chique” que possui duas unidades no bairro: todo prédio pertence ao mercado.



Figura 26: Antiga vila operária transformada em condomínio de casas: nos últimos anos verificou-se uma mudança no perfil do morador com a chegada de “novos milionários ligados ao mercado financeiro”, como afirma Sra. R que morou em uma rua junto ao Alto Jardim Botânico de 1970 a 2014, quando vendeu sua casa.

Neste contexto, que notamos a reedição do processo de apropriação simbólica e material da natureza, destacadamente a montanha e a floresta, que havia ocorrido em fins do século XIX em outras áreas da cidade, conforme reflexões de Abreu (1992). O que se constata atualmente, consideram-se a presença dos parques enquanto natureza domesticada, é a conversão desta

natureza em “peça de luxo” ligada ao lazer, qualidade de vida, saúde mental e felicidade, como destaca a Sra I, ao afirmar que,

Conviver com a floresta é o luxo do luxo. Além disso, é inspirador. Me sinto acolhida. Não sinto a cidade como “selva”.

Sra. I. Moradora do Jardim Botânico desde 1990

Qual seria o significado do termo “selva” na fala da Sra. I? No nosso entendimento, devemos recorrer novamente à semântica urbana para entendermos que, a cidade que possui singularidades naturais, convivi com aspectos que são percebidos por parte dos seus moradores, como representações simbólicas do que denominaríamos de “selvagem”. Como resultado teríamos uma precarização da qualidade de vida que levaria as pessoas a buscarem as “ilhas de natureza” que oferecem o oposto das paisagens hostis e “selvagens” de poluições sonora e atmosférica, de insegurança e dos congestionamentos, típicas da metrópole carioca.

No Rio de Janeiro, as forças hostis da natureza que condicionaram o processo de construção do sítio da cidade bem como sua evolução urbana, deixaram de ser consideradas pelos segmentos de maior renda da sociedade, as únicas ameaças em fins do século XIX. As ações de cunho civilizatório praticadas pelo Estado contra chamadas classes pobres/classes perigosas (CHALHOUB, 2011), estiveram relacionadas à uma política higienista de combate aos cortiços e produziram uma nova dinâmica de deslocamentos compulsórios por parte dos segmentos de menor renda da cidade em direção às favelas e aos subúrbios. Por outro lado, parte da zona sul passou a ser procurada por determinados grupos de maior renda que buscavam o afastamento das áreas consideradas insalubres da cidade.

Um outro caminho que foi seguido por parte destes moradores que possuíam melhores condições socioeconômicas, foi o dos morros do Centro e arredores que ofereciam amenidades e a expectativa de uma melhor qualidade de vida junto ao verde, pois os distanciavam das ameaças de doenças e falta d’água das áreas de baixada.

É com base neste segundo movimento que realizamos um paralelo com os processos que estruturaram o espaço do Alto Jardim Botânico.

Concluimos que as particularidades morfológicas da cidade do Rio de Janeiro, em especial da zona sul, e a difusão do imaginário do medo como subproduto da insegurança frente aos riscos presentes nas grandes metrópoles brasileiras, possibilitaram a formação de “cantinhos” localizados em áreas elevadas em relação ao nível do mar, geralmente cercado de áreas verdes e que foram incorporados pelos agentes do mercado de imóveis para serem comercializados para população de elevado poder aquisitivo como espaços exclusivos.

Nesse contexto que entendemos a emergência do Alto Jardim Botânico como o “*Alto da vez*” para o mercado imobiliário com preço do metro quadrado podendo chegar até R\$20 mil¹⁹.

Observando este “cantinho” da zona sul do Rio de Janeiro, chamado Alto Jardim Botânico, concluimos que ele possui marcadamente um caráter *mixofóbico* (BAUMAN, 2009) que desdobra-se em um modelo de segregação que propomos denominar de *oroescapismo*.

Segundo Bauman (2009), “é possível que o impulso para um ambiente homogêneo, territorialmente isolado, tenha origem na mixofobia: no entanto, colocar em prática a separação territorial só fará alimentar e proteger a mixofobia(...) (p. 46)”

No nosso entendimento, a necessidade de afastar-se das ameaças presentes no urbano seria um dos fatores que explicam a fundação de uma outra associação de moradores, além da já existente AMAJB (Associação de Moradores e Amigos do Jardim Botânico). Um outro fator seria a ineficiência do Estado no cumprimento de certas obrigações como conservação das ruas e praças e, principalmente no que se refere à segurança, o que vai se expressar na presença de um conjunto de dispositivos de segurança como cancelas, câmeras, seguranças motorizados, rádios de comunicação, etc. Tudo isso, aliado à singularidade da

¹⁹ Dados citados em reportagem de capa da Revista O Globo de 12/08/2012. Fonte: Acervo digital O Globo.

distribuição dos poucos logradouros em áreas de topografia acidentada com muitas ladeiras, onde o uso do automóvel é quase imprescindível e a circulação de ônibus é inexistente, facilita o controle de fluxos de pessoas e, ao mesmo tempo, inibi-os.



Figura 27: Cancela em logradouro público construída para servir exclusivamente aos associados da Associação Alto Jardim Botânico (2015). Disponível em: www.altojb.com.br



Figura 28: Cabine com segurança em logradouro público fora dos domínios da ALTO-JB: *desing* menos sofisticado e inexistência de cancela.

Frente ao exposto, entendemos ser essencial o debate a respeito do que seria o espaço público na atualidade. Neste sentido, considerando as reflexões sobre o conceito de espaço público que realizamos no capítulo 3 e refletindo sobre a realidade desta categoria espacial existente no Alto Jardim Botânico, concluímos que há a necessidade de rever a tradicional noção de espaço público. Concordando com Innerarity (2006), entendemos que a dificuldade de determinação das noções de público e privado frente à complexidade das relações intrapessoais e das construções materiais e imateriais, fundamentalmente em uma sociedade fortemente apoiada na instantaneidade da circulação das informações e em uma perspectiva de cidade que não possui mais o exclusivismo sobre a urbanidade, nos permite questionar o olhar tradicional sobre o espaço público como espaço físico onde se realiza troca de experiências que alimenta a sensação de pertencimento a uma sociedade sendo essencial à democracia.

Diante do desafio de conceituação do novo espaço público, reconhecemos que as discussões aqui realizadas podem servir, mesmo que maneira epidérmica, para inserir novos componentes no debate sobre o tema. Reconhecemos nesta pesquisa aspectos singulares no recorte espacial, nas representações sócio-espaciais presentes em tal recorte e no processo de apropriação particularizada do seu correspondente espaço público, onde, baseados no tripé do discurso NIMBY (qualidade de vida com base exclusivista, com foco na preservação do meio ambiente e na valorização do sentido de comunidade), são implementadas estratégias de *contenção territorial* (HAESBAERT, 2014), inspiradas em técnicas do *biopoder* (FOUCAULT, 1977), que produzem o que propomos denominar, inspirados em Diken e Laustsen (2005), de *contenção voluntária*.

Por fim, algumas considerações precisam ser feitas antes de encerrarmos. A primeira refere-se a valorização do sentido de comunidade presente no estatuto da Associação Alto Jardim Botânico. Discordamos que ali se realize uma vida em comunidade, por mais que exista uma necessidade de diferenciar-se típica do sentido de comunidade, como presente em Bauman (2003). Em um espaço onde as ruas servem apenas aos carros – inclusive o da empresa de segurança contratada – e que cada família se enclausura na sua “fortaleza” – algumas possuem clubes privativos, não é o convívio de crianças na pracinha, vigiadas e

filmadas pelas babás de branco²⁰, que configura a comunhão entre os que se presumem componentes de uma comunidade. O arsenal de vigilância das áreas de circulação transformam o vizinho, o entregador, o parente do vizinho, o corretor de imóveis, o pesquisador em trabalho de campo, em última instância, qualquer um, em “o outro” a quem se teme. Segundo Bauman (2013), os grupos que vivem sob a égide da vigilância líquida desejam que “as ameaças flutuantes, difusas e incontroladas sejam condensadas e acumuladas num conjunto de “suspeitos habituais (p.98).”

Ainda refletindo sobre o sentido de comunidade, não foi possível neste estudo nos debruçarmos em uma questão que a nós despertou grande curiosidade: estaria no Alto Jardim Botânico ocorrendo um tipo de estratificação hierárquica entre novos e antigos moradores, nos moldes daquela presente na cidadezinha fictícia de Winston Parva, objeto de estudo étnográfico publicado por Norbert Elias, em parceria com John L. Scotson, na obra clássica *Os Estabelidos e os Outsiders* (1994)? Tal curiosidade originou-se de uma suposta mudança no perfil dos moradores relatada em uma entrevista com uma ex-moradora do local e na baixa adesão à Associação de Moradores local que não chega à metade do total de residentes, conforme informações publicadas em reportagem do jornal O Globo de 12/08/2012.

Para encerrarmos, reconhecemos ainda necessário, em outro estudo, realizarmos mais reflexões que permitam desdobramentos teóricos-conceituais sobre a polissemia do termo *Alto* nos estudos das representações no espaço urbano. Por ora, ficaremos sem respostas sobre a abordagem comparativa entre os *Altos* da cidade do Rio de Janeiro, como o Alto Laranjeiras, Alto Leblon e Alto Humaitá. Acreditamos, no momento, ser mais adequado olhar para esta questão como um possível desdobramento desta pesquisa para um curso de doutorado. Aliás, precisamos ir além do termo *Alto* a fim de investigarmos mais profundamente a semântica urbana como um campo de estudo da geografia. Nas palavras de Souza (2011),

²⁰ A presença de babás de branco na praça Dag, filmando os bebês que pertencem as famílias a quem servem, foi relatado em reportagem de capa da Revista O Globo de 12/08/2012. Fonte: Acervo Digital O Globo.

perscrutar representações sócio-espaciais pressupõe interrogar os discursos e as palavras no contexto dos discursos, adentrando os “mundos da vida” e examinando o senso comum e suas contradições; pressupõe descer das alturas que permite a perspectiva “voo de pássaro” e o tratamento em escala global, nacional, regional e mesmo macro ou meso local, chegando à escala da habitação ou do pequeno assentamento humana (p. 160).

Sendo assim, fazendo uso da semântica urbana, entendemos que o “olhar do alto” no espaço urbano, deva ser apenas uma perspectiva escalar, e não, mais um discurso segregacionista, como comprovado nesta dissertação.